

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada, Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

FOI ISSO O QUE PAPAI DO CÉU SONHOU PARA O MUNDO

Fiz uma longa viagem. Fui conhecer o PAÍS DAS MARAVILHAS. Fiz amizade com meu guia. Chama-se Raimundo. Ele me levou por todos os cantos. Visitei roças e fábricas. Fui a uma metalúrgica. Vi os operários alegres e amigos. Raimundo me explicava: "A fábrica é do povo. Aqui tudo é do povo. O governo administra o dinheiro. Mas todos ganham o suficiente. Os chefes da fábrica são eleitos pelos operários. Se eles não forem bons, os operários elegem outros no lugar. Todos trabalham oito horas por dia. É o bastante. Porque aqui ninguém tem lucro e ninguém perde. Nunca falta e nunca sobra. É tudo bem distribuído!"

Depois Raimundo me levou a um jardim muito bonito, perto da fábrica. Havia crianças de todas as idades e moças cuidando delas. Raimundo me explicou que aquilo era uma creche. Disse que, enquanto os operários estão na fábrica, as crianças estão na creche. As moças que cuidam das crianças ganham também seu salário, como os operários. Elas estudam para isso. E como estão felizes! Na hora do almoço, os pais vão ver os filhos na creche. Quando termina o trabalho, os operários voltam para suas casas, com os filhos.

Saímos da fábrica e fomos para a roça. Raimundo disse que as roças são comunitárias. Todos produzem para todos. Todos trabalham e todos comem. Então eu disse a Raimundo: "Pelo que vejo, todo o povo aqui é feliz. Ninguém reclama de nada". Raimundo me respondeu: "Não é bem assim. Ainda tem gente que não está satisfeita. São aqueles que antigamente eram ricos e exploradores. Eles querem continuar explorando. Mas em nosso país não se pode

explorar".

Anoitecia. Fomos para a casa de Raimundo. Na rua, jovens contentes iam conversando e cantando. Nenhum mendigo pelas ruas. Nenhum batedor de carteira. Nenhum bêbado. Todos felizes. A cidade sorria. Em todos os bairros, ruas asfaltadas ou calçadas. Nada de publicidade nas casas comerciais. Nada de casas luxuosas. E nem barracos de sumanos. Tudo simples e alegre.

Raimundo também estava muito alegre. Faltavam poucos dias para o seu mês de férias. Contou-me que todo operário tem direito a um mês de férias por ano. Pode passar as férias com a família, na praia ou no campo. Antigamente esses hotéis eram para enriquecer os seus donos. Hoje eles são do povo.

Na casa de Raimundo, fiquei contemplando os apartamentos iluminados. Raimundo bateu em meu ombro e disse:

"Hoje em dia eu posso dormir tranquilo, porque sei que meu povo é mais feliz. Todos têm comida, casa, cama e cobertor, para dormirem sossegados e acordarem felizes". Eu respondi: "Seu país é mesmo um país cristão. Boa-noite, companheiro".

Mas não ouvi o *Boa-noite* de Raimundo. Em vez disso, ouvi na rua um carro de polícia. E a multidão gritava: "Pega o ladrão! Pega o ladrão!" Acordei espantado. Vi que tudo era um sonho. Corri para a janela. Na rua, a polícia espancava um garoto de 10 anos. Ele acabara de bater a carteira de uma madame. A vizinha me viu na janela e disse: "Bom-dia!" Eu não tive coragem de responder. Deu-me um nó na garganta... Duas lágrimas rolaram pela face sem eu perceber. O sonho se perdeu naquela manhã triste...

IMAGEM-SONHO DE OPERÁRIO SONHADOR

1. Zedasilva, pequeno e frágil, pensa nos três filhinhos que não são, pensa na mulher que vive tossindo sem parar, pequena e frágil, olha as mãos magras e callosas. Pensa na polícia repressora. Pensa nos companheiros de luta e sofrimento. Pensa em Jesus morrendo na cruz para salvar a humanidade. E de todos estes motivos tira forças para enfrentar o gigante cruel, dominador. Zedasilva sonha sonhos de libertação. Sozinho? Zedasilva diz que não estou sozinho. Comigo estão dois mil companheiros de escravidão.

2. Zedasilva pensa nos três menininhos fracos e descarnados que Zefamariadaconceição deu à luz. Tudo morreu de fraqueza. Tudo morreu de fome na gravidez de Zefa, meu senhor. Ela passando fome, os menininhos tinham de morrer de fome, o senhor não acha? Eu trabalhando como doido e não ganhando o salário pra matar a fome da gente lá em casa. O senhor acha isto certo? As lágrimas de revolta de Zedasilva misturam-se com as minhas lágrimas de irmão revoltado. Você tem razão, Zedasilva. A verdade é sua.

3. Zedasilva tira da carteira uma almofadinha. E da almofadinha um alfinete. E diz que a almofadinha se chama esperança, que este alfinete (um de muitos, se a gente se unir) se chama greve. Mas o gigante é de granito, Zedasilva, duro e cruel. Que pode um alfinete? Zedasilva ri um riso fino de esperança e diz: Isto é o que o senhor pensa. Este gigante de pedra é frágil que nem pé de brejo sacudido ao vento. É só bulir na bolsa do bichão, sabe? Zedasilva sonha com a força dos fracos. Basta a gente se unir. (A. H.)

DO REINO E SUA JUSTIÇA

ASPECTOS PRÁTICOS DO AMOR DA PÁTRIA

• Comemorando o Dia da Pátria, precisamos sair do campo da retórica vazia e do patriotismo estéril, para refletir alguns aspectos fundamentais da nossa situação concreta.

• Primeira pergunta: que papel exerce o Povo, como Povo, no processo social de nossa Pátria?

• As elites do poder vivem no seu mundo próprio, marcado de uma alta civilização de cunho europeu ou americano, ainda muito daquilo que o grande Euclides da Cunha dizia no prefácio de *Os Sertões*: "...vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa..."

• Vivem no seu mundo próprio e esquecem o mundo sofrido e dilacerado das grandes multidões do Povo brasileiro que vive à margem da civilização e da vida nacional.

• Segunda pergunta: que papel integrador exerce a educação como é minis-

trada no Brasil e em todos os níveis? Não se trata de uma educação elitista que no seu conteúdo e na sua estrutura restringe tremendamente a participação do Povo?

• O conteúdo da educação em nosso país falseia a vida nacional e é manipulado para conservar as prerrogativas e privilégios das elites. Nossa educação é elitista: não dá importância nenhuma aos problemas do Povo.

• Terceira pergunta: Sem o Povo participar ativamente, será possível algum dia sermos uma grande nação?

• Num Dia da Pátria lembremo-nos que o Povo brasileiro é muito mais do que os grupos de elite que pretendem fazer a história, que pretendem determinar os rumos do Brasil, que marcam de seu elitismo falso a vida nacional: educação, política, economia, vida social. Tema para reflexão.

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cânticos: Missa SAÚDE PARA TODOS — C. Fraternidade 1981.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Vamos, irmãos, agradecer ao Deus da vida / somos seu povo, sua Igreja reunida.

1. O teu povo reunido, ó Pai nosso, Deus-perdão, / vem pedir a tua graça, que converte o coração.
2. Jesus Cristo que nos deste, nossas dores carregou / quer saúde para todos, pois seu sangue nos curou.
3. Vem livrar-nos do egoísmo, ambição, indiferença, / que oprimem o teu povo e são causas de doença.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, graças e paz vos sejam dadas em abundância, por meio do conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, nosso Senhor.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, lá estarei eu também, no meio deles". Neste mundo, acontecem os mais variados ajuntamentos humanos, onde duas ou três ou muitas pessoas se reúnem: em nome de futebol, em nome de dança, em nome de política e tantas coisas mais. Quanto barulho se faz nesses ajuntamentos e que impressão de poder eles dão! O Vitorioso sobre qualquer poder deste mundo comparece na brisa suave e silenciosa das comunidades que se reúnem em seu nome. Reunir-se em nome de Cristo é reunir-se em nome do amor entre os homens, pois "quem ama cumpriu toda a Lei de Deus". Para superar o entendimento sentimental do amor ao próximo, a primeira leitura lembra que somos sentinelas da justiça, no meio do povo de Deus. Missão de nossa presença, em meio ao mundo injusto, é denunciar o pecado que explora o irmão, privando-o das condições de vida digna. A comunidade cristã, por sua vivência fraterna e por sua coragem profética, tem de ser permanente denúncia daqueles que acumulam poder e riqueza, à custa da miséria se seus irmãos.

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrar dignamente os santos mistérios (ou outra exortação à revisão de vida, depois, momentos de silêncio). Senhor, que nos chamastes a participar neste sacrifício da reconciliação, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que nos chamastes a participar na vossa comunidade de amor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que nos chamastes a parti-

cipar no vosso plano de amor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,

P. e paz na terra aos homens por ele amados.

S. Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso,

P. nós vos louvamos, nós vos bendizemos, S. nós vos adoramos, nós vos glorificamos, nós vos damos graças por vossa imensa glória.

P. Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, S. Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai.

P. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

S. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica.

P. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

S. Só vós sois o Santo,

P. só vós o Senhor,

S. só vós o Altíssimo, Jesus Cristo,

P. com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Ó Deus, Pai de bondade, vós nos remistes e adotastes como filhos; ajudai a entendermos a mensagem de Cristo, para que nossa união e nossos esforços construam as condições do mundo novo, onde vossos filhos alcancem a verdadeira liberdade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada do Livro do Profeta Ezequiel (33, 7-9). Amor cristão, longe de ser mero sentimentalismo, é consciência de responsabilidade pelas condições e pela sorte do irmão.

L. Leitura do Profeta Ezequiel: «Assim fala o Senhor: «Filho do homem, eu te fiz sentinela na casa de Israel. Assim que escutares um aviso meu, corre para transmitires este aviso de minha parte. Se digo ao pecador que ele vai morrer e tu não o avisares, para ele pôr-se em guarda contra seu procedimento nefasto, ele morrerá por causa de seu pecado; mas pedirei a ti contas de seu sangue. Todavia, se não mudar de proceder com tua advertência, ele morrerá por causa de seu pecado; e tu salvarás a tua vida». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Tua palavra que nos chama à conversão / cura doença, dá saúde ao coração.

1. Como um pai que tem pena dos filhos, o Senhor tem carinho por nós. / Ele sabe de nossas fraquezas e está pronto a ouvir a nossa voz.
2. Ele sabe que vida da gente é tão fraca, parece uma flor: / de manhã, tão bonita ela acorda, chega a tarde e a beleza murchou.
3. Para ele voltemos unidos, preparando o Mistério Pascal. / Pelo amor, arranquemos da terra o egoísmo, a doença e o mal.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da Carta de Paulo aos Romanos (13,8-10). Quem se esforça para amar o próximo cumpriu, na prática, toda a Lei de Deus.

L. Leitura da Carta de São Paulo aos Romanos: «Irmãos, não devam nada a ninguém, pois a única dívida que vocês devem ter é o amor uns para com os outros. Quem ama o próximo cumpriu a Lei. Os mandamentos: «Não cometerás adultério», «Não matarás», «Não roubarás», «Não cobiçarás», estes e todos os outros se resumem num só mandamento: «Ama o teu próximo como a ti mesmo». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Salve, Cristo Jesus vencedor da doença, da morte e da dor!

1. Somos cegos vagando na estrada, a doença espalhando-se em nós / mas a treva será iluminada, quando ouvirmos, Senhor, tua voz.
2. Nosso mundo é um planeta doente, que remédio nos pode curar? / A saúde virá certamente, se a mão do Senhor nos tocar.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de Mateus (18,15-20). Eis o motivo que confirma a validade de nossa presença aqui: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, lá estarei eu também, no meio deles».

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.


S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.


S. «Jesus falou assim aos seus discípulos: «Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o a sós. Se ele te escutar, terás ganho teu irmão. Se não te escutar, toma contigo um ou dois para que, pela palavra de duas ou três testemunhas, seja decidida a questão. Se ele não os escutar, comunica o caso à comunidade. Se não escutar a comu-

nidade, trata-o como gentio e publicano. Em verdade lhes digo: Tudo quanto vocês ligarem na terra será ligado no céu e tudo o que vocês desligarem na terra será desligado no céu. Digo-lhes ainda: Se dois ou três de vocês se encontrarem para pedir alguma coisa na terra, esta coisa será concedida por meu Pai que está no céu. Porque onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, lá estarei eu também, no meio deles». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.

P. criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 INTENÇÕES DA COMUNIDADE

S. Irmãos, "Quem ama o próximo cumpriu a Lei". Para que descobramos a alegria de dar amor aos outros, elevemos nossas preces:

L1. Para que aprendamos a atrair o próximo, não com muitas frases mas com nossa luz, a fim de que a luz espante as trevas do erro e dos comportamentos negativos, rezemos ao Senhor.

L2. Para que o Espírito de Deus desperte, nas comunidades, a necessidade de nos reunirmos, fazermos nossos dias de reunião e reflexão, a fim de ficarmos conhecendo melhor a vontade de Deus, rezemos ao Senhor.

L3. Para que nos preocupemos menos com as naturais diferenças a respeito de pontos de vista ou frases feitas e nos lembremos que toda a Lei de Deus nos manda amar o próximo, rezemos ao Senhor.

L4. Pela comunidade local, a fim de que se transforme num só Corpo de Cristo; pelos nossos agentes de pastoral, para que deixem brotar de si a vocação profética e apostólica, rezemos ao Senhor.


L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, só vossa graça, com sua força, nos tornará fraternos e amorosos; a reflexão de vossa palavra ajude a vivermos a doação aos nossos irmãos, a exemplo de Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO


 Esta mesa nos ensina: todo bem que a gente alcança em comum devemos pôr: / o remédio, a medicina, pão e vinho e segurança, alegria, fé e amor.

1. Meu irmão eu vi plantar, meu irmão nos fez o pão / mas na hora do jantar não chamaram meu irmão.

2. Minha irmã trabalhadora é operária e mãe também / saiu de casa, o filho chora, fica em casa o pão não vem.

3. Meu irmão pagou imposto para a vida melhorar / mas não tem doutor nem Posto, porque é pobre o seu lugar.

16 ORAÇÃO SOBRE AS OFERTAS

 S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.


P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, fonte da paz e do amor entre as pessoas, recebei as homenagens do presente sacrifício e reforçai entre nós os laços da união, da amizade e da convivência fraterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.


P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)


18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

 P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

19 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Tu deste saúde aos doentes, Senhor, / mostrando que veio teu Reino de amor. / Contigo queremos os fracos amar / da vida e saúde de todos cuidar.

2. Dos cegos curaste a vista, Senhor, / mostrando que veio teu Reino de amor. / Contigo queremos os cegos amar / da vida e saúde de todos cuidar.

3. Dos mudos soltaste a língua, Senhor, / mostrando que veio o teu Reino de amor. / Contigo queremos os mudos amar / da vida e saúde de todos cuidar.

4. Dos surdos abriste o ouvido, Senhor, / mostrando que veio o teu Reino de amor. / Contigo queremos os surdos amar / da vida e saúde de todos cuidar.

5. O mal de leprosos saraste, Senhor, / mostrando que veio teu Reino de amor. / Contigo queremos os doentes amar / da vida e saúde de todos cuidar.

6. Os coxos fizeste andar, ó Senhor, / mostrando que veio teu Reino de amor. / Contigo queremos os coxos amar / da vida e saúde de todos cuidar.

7. Os mortos chamaste à vida, Senhor, / mostrando que veio o teu Reino de amor. / Contigo queremos a vida doar / da vida e saúde de todos cuidar.

20 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Ó Deus, alimentados com o pão da Eucaristia, partimos para nova semana, na qual encontraremos as ocasiões de pormos em prática as inspirações de vossa graça; que ela nos ajude a vivermos, entre nossos semelhantes, o amor hoje ensinado como resumo e essência de vossa Lei. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, lá estarei eu também, no meio deles". A Igreja não se reúne em nome de deuses da mitologia; não se reúne em nome do Deus vago dos filósofos; em nome do Deus parcial que mora na fantasia religiosa ou nos interesses ocasionais. A Igreja se reúne em nome do Deus que está em Cristo, aquele que deu tempo e vida ao bem de seus semelhantes. Reunir-se em nome de Cristo é reunir-se em nome daquele que foi levado até à cruz, pelos caminhos da fome e sede de justiça. Vimos hoje que fome de justiça significa também denunciar o pecado dos homens, produtores da miséria. Pois bem, eis à nossa frente toda espécie de marcas do pecado, no sofrimento dos irmãos mais pobres. Denunciamos a fábrica de marginalizados, explorados e miseráveis, recusando-nos a sermos peça entrosada em suas engrenagens.

22 CANTO FINAL

Vitória! Tu reinarás! Ó cruz, tu nos salvarás!

1. Brilhando sobre o mundo, que vive sem tua luz / tu és um sol fecundo de amor e de paz, ó Cruz.

2. Aumenta a confiança do pobre e do pecador / confirma nossa esperança, na marcha para o Senhor.

3. À sombra dos teus braços, a Igreja viverá / por ti, no eterno abraço, o Pai nos acolherá.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Cl 1,24-2,3; Lc 6,6-11 /

Terça-feira: Mt 5,2-5a; Mt 1,1-16.18-23

/ Quarta-feira: Cl 3,1-11; Lc 6,20-26 /

Quinta-feira: Cl 3,12-17; Lc 6,27-38 /

Sexta-feira: 1Tm 1,1-2.12-14; Lc 6,39-42

/ Sábado: 1Tm 1,15-17; Lc 6,43-49 /

Domingo: Eclo 27,33-28,9; Rm 14,7-9;

Mt 18,21-35.

«COMO VOCÊ AGÜENTA SOFRER TANTO?»

Teresinha veio de Minas para a Baixada Fluminense. Veio com o marido e o filho de poucos meses, e foi morar com a irmã casada. Certo dia, o filho ficou doente, muito doente. O marido não estava em casa. Ela ficou sem saber o que fazer. Chamou o cunhado e juntos foram ao posto médico mais próximo. Não foram atendidos. Parece que faltavam alguns papéis. Foram ao centro da cidade. Andaram a tarde toda, de hospital em hospital.

Na boca da noite, tomaram o ônibus de volta. Por sorte, conseguiram um lugar para sentar. O nenê piorando. De vez em quando, a mãe tirava a coberta e olhava o filho, preocupada. Ele parecia dormir. Quando o ônibus parou debaixo de uma lâmpada, ela olhou de novo e percebeu. Levou um susto. O menino estava morrendo. Ela ficou em pânico: — “João, ele está morrendo!” Quase gritou com voz abafada.

O cunhado olhou com o canto dos olhos

e viu o menino desfalecido nos braços da mãe. Ele também ficou apavorado, mas foi por outro motivo. Estava com medo dos passageiros. Quando viu que ninguém estava dando atenção a eles, falou baixinho: “Quieta, mulher! Fique firme! Não deixe perceber nada! Senão a polícia vem prender a gente. Vamos presos!”

O pavor transformou os dois em estátuas. Ela não teve mais coragem de olhar o rosto do filho. Alguém poderia desconfiar! Apertou-o um pouco mais contra o seio e, debaixo da coberta, segurava a mãozinha. Estava fria já. De repente ela sentiu um tremor passar pelo corpo do pequeno. Um estertor. Três ou quatro vezes. Depois, a calma total no corpo gelado. Ela sabia: a vida se foi. Seu filho acabava de morrer! Tinha certeza. — “Ele morreu!”, disse baixinho ao cunhado. — “Quieta, Teresinha! Não deixe perceber nada! Pelo amor de Deus!” Falou quase chorando.

O ônibus corria adoidado. Teresinha não

se mexia. Ficava firme. Segurava o filho, olhando para a frente, como todo mundo, sacudida pelo ônibus que procurava evitar os buracos da estrada. Assim ela ficou, até o ponto final, mais de vinte minutos. O filho morto nos braços. No dia seguinte, o filho foi enterrado e a vida continuou como antes. Nada mudou. Apenas a dor aumentou. Mesmo assim, a esperança ficou, a gente não sabe como.

Teresinha guardou o segredo da morte do filho durante quase dois anos. Tinha medo. Apenas sofria. No fim, contou a história a uma freira e esta perguntou: “Como é que a senhora agüenta sofrer tanto?” Ela respondeu: “Sei não, irmã. A gente é pobre, não sabe nada. A única coisa que sobra para nós neste mundo é sofrer. É só isso que a gente sabe. S’incomode não, irmã. Um dia isso vai mudar! Deus ajuda a gente!” (C. Mesters, *A Missão do Povo que Sofre*, Ed. Vozes).

MINISTÉRIO DA PALAVRA

PROBLEMAS DA TERRA E IGREJA

A Folha: *Faz algum tempo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou um documento em que fixa posição em relação ao problema fundiário e estabelece uma nítida distinção entre “a terra voltada para o lucro” e “a terra voltada para o trabalho”. Como o senhor vê essa questão?*

— Dom Adriano: Estou de pleno acordo com as colocações da CNBB, tomei parte na Assembléia Geral que discutiu o assunto, e aprovei o documento. Certo, nosso documento terá imperfeições, mas o tema fundamental e o problema estão claramente colocados. Quem quer entender o sentido profundo de nosso documento, entende. Só não entende a posição da CNBB, que estava assessorada por técnicos competentes, quem não quer entender ou quem deforma a posição da Igreja diante dos problemas sociais. Mesmo quem discorda de nossas colocações, descobrirá que o tom fundamental de nosso documento é o interesse por soluções pacíficas, é o esforço sincero de contribuir para a construção da Paz. Em nenhuma parte o documento nega a legitimidade da propriedade particular. O fato histórico e legal da propriedade privada está admitido em todos os trechos. Só que ao mesmo tempo, na estei-

ra aliás de Leão XIII (*Rerum Novarum*) e da melhor tradição de nossa Igreja, se focaliza também o aspecto social da propriedade privada. Podemos assim dizer que o documento da CNBB sobre os problemas da Terra, nosso documento da Igreja do Brasil, corresponde exatamente à boa doutrina e à boa tradição da Igreja Católica. A colocação tem aspectos brasileiros, como não podia deixar de ter, pois os nossos problemas de terra têm necessariamente cor brasileira.

A Folha: *Mas o fato é que o documento veio perturbar muita gente que tem grandes propriedades improdutivas.*

— Dom Adriano: Precisamente. O documento, com aquele poder de fermentação que está previsto no Evangelho, queria de fato acordar as consciências dos responsáveis, sobretudo se são cristãos e católicos. Sabemos que existem imensas propriedades improdutivas dentro de áreas densamente povoadas e vizinhas de bolsões de miséria. Aqui, por exemplo, na Baixada Fluminense. Por que conservá-las improdutivas, provocadoras, escandalosas, quando podiam ser legitimamente — aqui a função moderadora e distribuidora de um Governo que

tenha sensibilidade para os problemas sociais e de modo particular para a situação concreta do Povo —, sim, que podiam ser legitimamente entregues a pessoas que podem, querem e devem trabalhar, para se manterem e manterem os seus. Aqui não está a fórmula mais simples e mais eficiente de distribuição de rendas? Aqui não está a fórmula mais simples e mais concreta de justiça social?

A Folha: *O senhor acha necessária a reforma agrária?*

— Dom Adriano: É o que o bem-estar comum exige. Mas também a própria sobrevivência de nossa Pátria. Uma série enorme de problemas graves, por exemplo, a inchação de nossas grandes cidades, poderia ter solução simples e natural se houvesse uma política agrícola mais justa e mais ligada à sorte do Povo. O Governo precisaria ter muita coragem e muita capacidade de negociação, caso pretendesse fazer a reforma agrária de nosso país. E teria coragem cívica, se não estivesse tão dependente das elites do poder econômico, as quais não querem mudança do “status quo” e por isso rejeitam qualquer tipo de reforma agrária.

CAMINHADA LIBERTADORA: TEORIA E PRÁTICA

Há séculos, as igrejas ensinam sua clientela que os homens devem amar-se uns aos outros. Nesta relação pedagógica, há os dois lados: de um lado, o povão aprendendo; do outro lado, o pregador falando em nome de Deus. E se a palavra é de Deus, ninguém duvida dela, só pode ser verdadeira. No entanto, apesar de toda a clareza intelectual da pregação sobre o amor, como ele ainda é escasso, na forma de união e organização do Povo de Deus. Por quê? Porque amor concreto é mais do que lição que se aprenda teoricamente com um professor, por melhor que seja o professor. É o que diz Frei Betto, em seu livro *O Que é Comunidade Eclesial de Base*, da Ed. Brasiliense:

Uma coisa importante na pastoral popular foi a descoberta de que o processo de conscientização é um pouco mais

complicado do que se supõe: ele se faz na medida em que nossa prática corresponda às nossas idéias. Acontece que entre os intelectuais, em geral, há coerência de idéias mas, muitas vezes, não há coerência de prática. Entre os moradores da periferia, é mais fácil encontrar coerência de prática que de idéias. No contato agente-base, um e outro se reeducam, como bem o demonstra Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*.

Os agentes permitem aos núcleos organizados ter clareza de sua prática social e política. Os núcleos levam os agentes a assumirem esta prática. O povo então deixa de ser um mito, um conceito quimicamente destilado, e os agentes perdem a pretensão de ser dotados de toda ciência capaz de mudar a história.

No contato diário, os agentes se dão

conta de que a realidade extravasa os conceitos e, ao mesmo tempo, descobrem que a prática popular, com suas ambigüidades, é a única capaz de, organizadamente, criar um projeto alternativo à sociedade em que vivemos. Destroí-se aquela imagem idílica do povo, como se ele fosse um barril vazio, pronto a ser enchido pelas idéias explosivas dos agentes de classe média.

O povo é o cachaceiro da esquina, o operário que ilustra o quarto da pensão com fotos de mulheres nuas, a lavadeira que acha natural a diferença entre pobres e ricos, o biscateiro que sonha ganhar na loteria esportiva para se tornar explorador. Todavia, dentro de um trabalho organizado, emerge a consciência do oprimido, apreendendo o avesso da estrutura e partindo para uma prática transformadora.